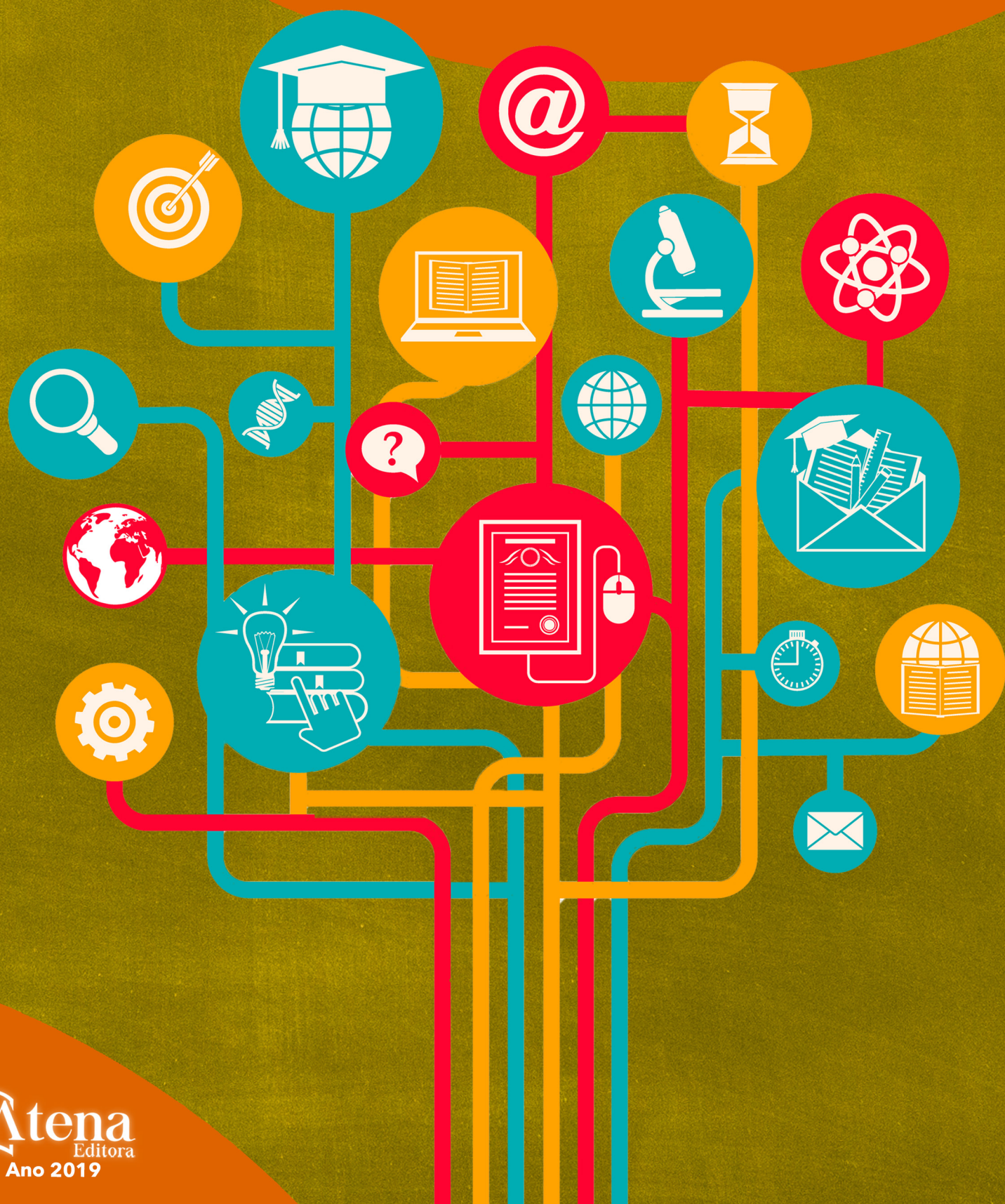


Gabriella Rossetti Ferreira
(Organizadora)

A Educação no Brasil e no Mundo: Avanços, Limites e Contradições 2



Gabriella Rossetti Ferreira
(Organizadora)

A Educação no Brasil e no Mundo: Avanços, Limites e Contradições 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E24	<p>A educação no Brasil e no mundo [recurso eletrônico] : avanços, limites e contradições 2 / Organizadora Gabriella Rossetti Ferreira. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (A Educação no Brasil e no Mundo. Avanços, Limites e Contradições; v. 2)</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-480-1 DOI 10.22533/at.ed.801191107</p> <p>1. Educação. 2. Sociedade. I. Ferreira, Gabriella Rossetti. II.Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 370</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “A educação no Brasil e no mundo Avanços, Limites e Contradições” traz diversos estudos que se completam na tarefa de contribuir, de forma profícua, para o leque de temas que envolvem o campo das ciências humanas.

De acordo com Feldmann e D’Água (2009, p. 196), “mudar o tempo e o espaço da escola é inserir-se numa perspectiva de mudança das estruturas sociais, tendo como horizonte de possibilidades a transformação de uma sociedade injusta e excludente, em uma sociedade mais igualitária e incluyente”. Mudar nesse sentido, talvez signifique reconhecer que nos espaços escolares é a diferença que faz os seres humanos iguais, ou que pela equidade temos o direito de ser diferentes.

Assim, na atualidade, a escola enquanto instituição social responsável pela aquisição do saber, principalmente, o sistematizado, deve repensar suas práticas, na tentativa de embasar-se numa perspectiva científica para desenvolver uma gama de projetos, mesmo com as dificuldades de materiais e dos profissionais.

As responsabilidades da escola vão além de simples transmissora de conhecimento científico. Sua função é muito mais ampla e profunda. Tem como tarefa árdua, educar a criança para que ela tenha uma vida plena e realizada, além de formar o profissional, contribuindo assim para melhoria da sociedade em questão. Como afirma Torres (2008, p. 29): uma das funções sociais da escola é preparar o cidadão para o exercício da cidadania vivendo como profissional e cidadão. O que quer dizer que, a escola tem como função social democratizar conhecimentos e formar cidadãos participativos e atuantes.

O Estado deve garantir o acesso à educação a todas as pessoas, sem discriminação, respeitar e valorizar a docência, assegurar formação continuada e condições de trabalho satisfatórias. E mais: as liberdades de expressão de ensinar e de aprender, o pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas que devem se conjugar com as necessidades específicas dos diferentes públicos da educação, contempladas segundo a perspectiva inclusiva e laica, permitindo que a escola se adeque às necessidades e corresponda às realidades de seus estudantes. A qualidade da educação envolve cada um desses critérios e, implica um empenho à favor da promoção da equidade e da diversidade, bem como, o enfrentamento a toda forma de preconceito e discriminação.

Gabriella Rossetti Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
IMPACTOS GERADOS PELA CONSTRUÇÃO CIVIL: O TEMA SUSTENTABILIDADE GANHA MAIS RELEVÂNCIA NO ENSINO DE GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO	
Dalva Olivia Azambuja Ferrari	
DOI 10.22533/at.ed.8011911071	
CAPÍTULO 2	11
MEMÓRIA E DIVULGAÇÃO: AÇÕES EDUCACIONAIS DA CASA DA CIÊNCIA DO HEMOCENTRO DE RIBEIRÃO PRETO NA DIFUSÃO DO CONHECIMENTO	
Fernando Rossi Trigo	
Flávia Fulukava do Prado	
André Peticarrari	
Marisa Ramos Barbieri	
DOI 10.22533/at.ed.8011911072	
CAPÍTULO 3	29
METODOLOGIAS ATIVAS: AS DIFICULDADES DE IMPLANTAÇÃO NAS ESCOLAS PÚBLICAS BRASILEIRAS FRENTE AOS PROBLEMAS DE GESTÃO	
Wagner Cardoso Silva	
Ana Cristina Mende Muchon	
Daniela Vasconcelos Cardoso de Assunção	
Evelyne Lopes Ferreira	
Fabricia Candida Aparecida de Paula Raggi	
DOI 10.22533/at.ed.8011911073	
CAPÍTULO 4	44
INTERDISCIPLINARIDADE E INOVAÇÃO NO CONTEXTO DA GESTÃO EDUCACIONAL - UM CASO PRÁTICO	
João Leandro Cássio de Oliveira	
João Francisco Sarno Carvalho	
Carla Soares Godinho	
DOI 10.22533/at.ed.8011911074	
CAPÍTULO 5	58
MUSEU FAMILIAR E O PAPEL DA GUARDIÃ DE OBJETOS E MEMÓRIAS	
Frantieska Huszar Schneid	
Francisca Ferreira Michelin	
DOI 10.22533/at.ed.8011911075	
CAPÍTULO 6	70
NOSSOS DIAS: EDUCAÇÃO E RELIGIOSIDADE	
Leonardo da Silva Cezarini	
DOI 10.22533/at.ed.8011911076	

CAPÍTULO 7	81
O PROCESSO EXCLUDENTE QUE PROVOCA A EVASÃO ESCOLAR DE HOMENS E MULHERES TRANSEXUAIS E TRAVESTIS	
Erikah Pinto Souza	
Jarles Lopes de Medeiros	
Alexsandra dos Santos Barbosa	
Marcos Adriano Barbosa de Novaes	
Johnantan Santiago Moura	
DOI 10.22533/at.ed.8011911077	
CAPÍTULO 8	92
O USO DA TECNOLOGIA ASSISTIVA COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NO AUXÍLIO DO LETRAMENTO E COMUNICAÇÃO DE CRIANÇAS COM AUTISMO DE GRAU LEVE DE DOIS A SETE ANOS	
Franklin Façanha da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.8011911078	
CAPÍTULO 9	104
POLÍTICAS E DIREITO DOS IDOSOS NA AGENDA SOCIAL BRASILEIRA	
Gisele Pasquini Fernandes	
DOI 10.22533/at.ed.8011911079	
CAPÍTULO 10	123
POR UMA PRAXIS EM PSICOLOGIA ESCOLAR HUMANISTA: DIALOGANDO COM PAULO FREIRE	
Evely Najjar Capdeville	
Sônia dos Santos Osvaldo Peixoto Leite	
DOI 10.22533/at.ed.80119110710	
CAPÍTULO 11	133
PRÁTICAS NA METODOLOGIA DE ENSINO DE BIOLOGIA – UMA PROPOSTA PARA AUXILIAR O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM	
Larissa Gonzaga Ferreira	
Silvia Dias da Costa Fernandes	
DOI 10.22533/at.ed.80119110711	
CAPÍTULO 12	139
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E AS NOVAS TECNOLOGIAS: O ENSINO DE HISTÓRIA E A LEI 11645/2008	
Cristiane Bartz de Ávila	
DOI 10.22533/at.ed.80119110712	
CAPÍTULO 13	150
PRESSUPOSTOS LIBERAIS, REFORMA DO ESTADO (1995) E A GESTÃO ESCOLAR	
Gislaine Buraki	
Kathelyn Kalyna Belli	
Suzanete Aparecida de Freitas Vaz	
DOI 10.22533/at.ed.80119110713	

CAPÍTULO 14	160
REFLEXÕES SOBRE O FENÔMENO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
Patrícia Fortuna Wanderley Prazeres Andrea Berenblum	
DOI 10.22533/at.ed.80119110714	
CAPÍTULO 15	167
REINVENÇÃO DE PAULO FREIRE NA FORMAÇÃO PERMANENTE DE EDUCADORES EM UMA ESCOLA DO CAMPO NO MUNICÍPIO DE VILA VELHA/ES	
Débora Monteiro do Amaral Valter Martins Giovedi	
DOI 10.22533/at.ed.80119110715	
CAPÍTULO 16	174
RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E EDUCAÇÃO INFANTIL: PRÁTICAS PARA UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA	
Maria Aparecida Rodrigues Rocha Rayane da Cruz Silva Simone Regina Silva d`Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.80119110716	
CAPÍTULO 17	184
REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA: UMA APROXIMAÇÃO NA ÁREA DA EDUCAÇÃO	
Lina Maria Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.80119110717	
CAPÍTULO 18	195
SUBJETIVIDADES DA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA EM PROJETOS DE EXTENSÃO: A EXPERIÊNCIA DA REVISTA ELO	
Patrícia Muratori de Lima e Silva Negrão	
DOI 10.22533/at.ed.80119110718	
CAPÍTULO 19	208
UMA INTERVENÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL EM CRIANÇAS COM HISTÓRICO DE FRACASSO ESCOLAR	
Quezia Crispa Isnardi Silvia Nara Siqueira Pinheiro Leticia Soares Leite Karen Pereira da Motta Lívia Magalhães Vidinha Mariana Souza de Oliveira Milene Bohm	
DOI 10.22533/at.ed.80119110719	
CAPÍTULO 20	217
USE OF CONCEPT MAPS AS A STRATEGY FOR TEACHING-LEARNING AND ASSESSMENT TOOL IN GEOGRAPHY LESSONS	
Márcio Aurélio Carvalho de Moraes Francisco Willians Makoto Plácido Hirano Tatiana de Sousa Araújo Gustavo de Castro Nery	
DOI 10.22533/at.ed.80119110720	

NOSSOS DIAS: EDUCAÇÃO E RELIGIOSIDADE

Leonardo da Silva Cezarini

Universidade do Vale dos Sinos/ Instituto Federal
do Rio Grande do Sul
Bento Gonçalves – Rio Grande do Sul

RESUMO: A atual situação da sociedade é marcada por uma dicotomia entre o que se considera um recuo da religiosidade em prol de um sistema que defende o consumismo e a momentaneidade e, ao mesmo tempo, a forte presença da religiosidade no Estado e também em conflitos de cunho internacional. A educação, portanto, não pode formar indivíduos que desconheçam a realidade da religiosidade em sua pluralidade, incluindo o ateísmo, e também não pode simplesmente ignorar o fenômeno religioso criando a falsa impressão de tolerância, é preciso ir além. E para isto a contribuição do filósofo ateu, que defende a retomada de conceitos da cristandade sob o aspecto de uma tolerância amorosa é fundamental para a educação.

PALAVRAS-CHAVE: Religiosidade. Educação para Tolerância. Educação Integral

OUR DAYS: EDUCATION AND RELIGIOSITY

ABSTRACT: The current situation of society is marked by a dichotomy between what is

considered a retreat of religiosity in favor of a system that defends consumerism and momentaneity and, at the same time, the strong presence of religiosity in the State and also in conflicts of an international nature. Education, therefore, can not form individuals who do not know the reality of religiosity in its plurality, including atheism, and also can not simply ignore the religious phenomenon by creating the false impression of tolerance, we must go further. And for this the contribution of the atheistic philosopher, who defends the resumption of concepts of Christianity under the aspect of a loving tolerance is fundamental for education.

KEYWORDS: Religiosity. Education for Tolerance. Integral Education

INTRODUÇÃO

É comum nos referirmos ao período presente como algo “mudado” e até mesmo algo que é tão diferente em relação ao que conhecíamos que na realidade há um rompimento com o passado. Entretanto, em cada época do mundo olhar para o passado sempre causa estranheza ou mesmo certa nostalgia: desde a Grécia uma época passada e dourada era lembrada. Nem todos os sintomas sociais são novidade, embora possam parecer ser. Um destes aspectos, de fundamento

importantíssimo, é a religiosidade – o papel da religião na vida dos indivíduos e, claro, a pluralidade das diversas religiões. Se por um lado houve época de maior coesão proporcionada também por uma religião única, no seio desta não faltaram discordâncias teológicas. E em nossos dias, é mais apreensível falarmos em religiosidade em resposta a crescente diversidade de religiões – ou do ateísmo – que existem. É diante deste contexto que a educação deve sustentar seu ensino tanto como explicativo e crítico em relação à religião quanto, por outro lado, no convívio com a diversidade.

Não se trata de decidir aqui se o “ensino religioso” é obrigatório, ou se a religião deve ser estudada apenas nos lares das crianças. Mas sim admitir que a centralidade da religião tenha de ser pensada e trabalhada pela educação. Quando ligamos nossos televisores ou computadores somos inundados com notícias sobre conflitos que ocorrem tanto do outro lado do mundo (basta pensar nos conflitos com o autointitulado Estado Islâmico) quanto em nosso país (com ataques a imagens ou a religiões de origem africana), e na maior parte das vezes a compreensão destes conflitos é ignorada por muitos de nós. E é fácil compreender isto, basta pensarmos em questionar muitos de nossos alunos, pais e cidadãos sobre a diferença, por exemplo, entre Sunitas e Xiitas, entre a religião de origem tribal/indígena e a religião de origem africana. Os exemplos são muitos.

E a religiosidade como fundamento existencial e também social – pois os religiosos e religiosas estão na sociedade – deve ser assunto de estudos sem preconceitos. Não se trata, conforme dito, de pensarmos neste artigo sobre a obrigatoriedade ou não de uma disciplina, mas de refletirmos com seriedade sobre a necessidade da crítica educativa, que cria indivíduos críticos, sobre a religiosidade. Não é correto pensarmos que a religião não tem papel central em nossa sociedade e nos abstermos dela. Tanto temas como o aborto, a união homoafetiva, a pena de morte e muitas outras – sem contar os conflitos que existem – provam sua centralidade.

E não podemos argumentar que a educação deva simplesmente se ausentar deste debate crítico e franco, mesmo que ela não tenha de forma alguma a pretensão de pregar tal ou qual religião. Pois todas as atitudes em relação a um tema central tem um resultado. Se a filosofia, a história, a literatura e demais disciplinas se esquivarem de estudar a religiosidade, não será surpresa alguma se certos grupos acabem por explorar ainda mais os já explorados, em oprimir ainda mais os já oprimidos. E pior, com a anuência cega dos membros destes grupos. E mesmo se encararmos que a religiosidade é algo tão individual que não precisa ser debatido com profundidade, também há resultados. Podemos tanto incorrer em falsos fundamentalismos quanto em vazios existenciais.

Em outras palavras, a educação deve sim tomar posição e admitir a necessidade de reflexão sobre a religião, não necessariamente como disciplina ou como simples “manifestação social”, mas como algo existencial e importante para os discentes e para a sociedade. Manter um diálogo permanente e franco, com respeito não só as religiões ou ao ateísmo, mas as opções dos discentes. E isto é necessário para uma

escola que não mais está inserida em uma comunidade pequena, isolada e por vezes unanime quanto a uma religião; mas sim a uma realidade da informação, aonde cada comunidade, cada aluno tem algum tipo de acesso a informações que vem do outro lado do mundo em tempo real.

TOLERÂNCIA SOMENTE?

A educação deve objetivar estudar a religiosidade – ou a religião como parte integrante da história humana - de forma justa. E isto significa que não é a educação que deve, criticamente, buscar um denominador comum entre as religiões para unir ou dividir, mas sim apontar para algo que deve existir entre as religiões: o conhecimento mútuo, o respeito mútuo enfim alteridade. Um denominador comum seria errado, pois seria uma injustiça no interior das próprias religiões, tal como afere Zilles:

Para ilustrar que não se trata de procurar um denominador comum das aparências da religião, basta lembrar alguns exemplos. Um católico baiano acha-se muito religioso quando faz muitas promessas e romarias. Um holandês, igualmente católico, vê nisso uma espécie de degeneração do cristianismo. (ZILLES, 1997, p.23)

A que se segue, portanto, é como atingir este ideal crítico sem tornar as religiões e mesmo a religiosidade como algo comum, talvez igual. E a contribuição do filósofo ateu Slavoj Zizek é muito importante para como a educação deve posicionar-se ante a questão. Este autor, embora ateu, admite a centralidade da religião na história e em nossos dias marcados por conflitos que mesclam questões sociais, culturais e religiosas. E é interessante notar que Zizek observa que todas as idealizações, ou teorizações nunca são perfeitas, pois elas são barradas por algo que não é inteiramente “atingível”, o Real. E por este motivo, é que os sujeitos tendem a tratar o diferente, o díspar como algo “vazio”, algo que é literalmente uma negatividade do que o sujeito em questão é. E por este motivo a tolerância, se vista sob um prisma pouco refletido é nada mais que uma condescendência.

Em outras palavras, tolero o próximo na medida em que ele “está lá” e nunca se aproxima do “estar aqui” – podemos pensar no caso dos imigrantes para verificarmos esta veracidade. A religião, ou mesmo o ateísmo, toleram o outro como um “vazio” na medida em que ele não está em nossas vidas. No momento em que isto muda a resposta é uma tolerância cínica, ou o surgimento da xenofobia – e, de fato, as religiões são exatamente o contrário disto. Diz Zizek:

As duas tomadas, portanto, representam os dois aspectos opostos da liberdade: a liberdade “abstrata” da pura negatividade autorrelativa, do recolhimento-para-dentro-de-si, do corte das ligações com a realidade; e a liberdade “concreta” da aceitação amorosa dos outros, da experiência de si mesmo como livre, como alguém que encontra a plena realização na relação com os outros. (ZIZEK, 2015. P.104)

Zizek defende o legado cristão do amor como fundamento para a tolerância. Não

é a tolerância que torna a religião “igual”, nem é a tolerância que “coisifica” o diferente – até o ponto de haver interação – mas antes uma amorosidade que recebe, e até depende da relação com o próximo. Dentro da educação isto é essencial: é através de uma tolerância amorosa que podemos discutir do ateísmo até as novas religiões, do catolicismo até o budismo e assim por diante.

E para entendermos este resgate de uma tolerância com amabilidade, é importante salvaguardar uma importante exortação apostólica do Papa Francisco que, de fato, entra em consonância com a proposta de tolerância com amor: a *Gaudete Et Exultate* que refere algumas pontos importantes:

Estas características que quero evidenciar não são todas as que podem constituir um modelo de santidade, mas são cinco grandes manifestações do amor a Deus e ao próximo, que considero particularmente importantes devido a alguns riscos e limites da cultura de hoje. Nessa se manifestam: a ansiedade nervosa e violenta que nos dispersa e enfraquece; o negativismo e a tristeza; a acédia cômoda, consumista e egoísta; o individualismo e tantas formas de falsa espiritualidade sem encontro com Deus que reinam no mercado religioso atual. (FRANCISCO, 2018. P.55)

São nítidas as aproximações feitas pelo bem comum do amor e a tolerância amorosa de Zizek. Se encarmos somente como tolerância, sem amor, que segundo Zizek, por si só torna o outro “coisa”, e que o Papa Francisco aponta como um individualismo consumista que nos afasta do próximo, do amor ao próximo, portanto, incorremos em uma falta. Uma “educação” que, como acontece em diversos lugares do mundo, acaba por se “encastelar” em suas casas, sendo levada a cabo pelos pais ou responsáveis que na maioria das vezes ensinam apenas com base em uma interpretação da bíblia, por exemplo, não promovem nem tolerância nem uma tolerância amorosa. Um sujeito não é imoral porque é ateu, um sujeito não descarta a ciência porque é católico e o contrário também é verdadeiro: um budista não é necessariamente pacifista (mesmo que admitamos que devesse ser), um adepto das religiões tradicionais da China não é necessariamente justo e bom (mesmo caso) e assim por diante. É somente por meio de uma religiosidade sob o ponto de vista da tolerância amorosa que permitirá o debate e a convivência, a ajuda mútua e a alteridade e evitar idealizações também. E mais ainda, identificar de outras formas os oprimidos e os auxiliar.

E quando nos propomos a analisar que se o estudo, a análise e a crítica ao sentido religioso que existe em nossos dias refletem sobre os oprimidos, posto que em sua maioria, por não possuir formação elucidativa sobre o quesito pode ser iludido; sua situação como oprimido se torna ainda mais evidente. E mais ainda, sua posição de alteridade compreensiva – tolerância amorosa – pode ser facilmente substituída por uma forma de fanatismo. Não apenas sobre religiões que são mais “vistas” no país, mas também em realidades externas: como explicar a violência extrema impetrada por grupos que se autoproclamam religiosos?

Daí que reside um fato desenvolvido melhor pelo filósofo Adorno. Em uma

pequena obra intitulada “Adorno: Educação e Religião” a questão sobre a educação pós-Auschwitz de Adorno é revisitada com uma preocupação não somente quanto a “repetir” o erro do holocausto em si, mas antes de evitar a catástrofe e a barbárie. E a religiosidade, se encarada como algo preso a realidade individual, ou quiçá de grupos, que não deve ser estudada, tende a facilitar o surgimento de fundamentalismos. E desta forma

Os conteúdos religiosos substanciais são dessa forma neutralizados e a tensão entre realidade existente e desejo de transcendência se desvanece. (MOREIRA, 2008. P. 31)

Em outras palavras, toda religião – e o ateísmo – se vive através do outro, na comunidade, na reciprocidade e daí para a transcendência. Caso contrário, a religiosidade torna-se um misto de opções individuais, sem consistência, com o grande perigo da incompreensão. Bastando, portanto, apenas tolerar o outro enquanto este está “lá” e até mesmo culpar o outro que está “lá” por muitos erros que observamos “aqui”. Logo, devemos buscar uma educação que não propriamente “ensine” a religião tal ou qual, mas que abra o espaço para o diálogo com tolerância e amorosidade: como entender a diferença e a defendê-la dentro do nosso meio.

A IDENTIDADE DA EDUCAÇÃO E A IDENTIDADE DA RELIGIOSIDADE

Assim, nós encontramos uma necessidade para ambas as partes: a religiosidade e a educação. Conforme já citado acima esta tolerância amorosa já se desenhava junto com uma educação que se propunha integral e ética, podemos usar como exemplo a educação salesiana. Em um livro do ano de 1932 intitulado “Dom Bosco Educador”, o autor Vicente Cimatti já apontava que Dom Bosco via:

na educação: a preparação do aluno para o completo desenvolvimento de toda a atividade intelectual, moral e social de que é capaz. (CIMATTI, 1939. P.43)

É preciso fazer, é claro, a devida leitura também do momento histórico em que o livro e a proposta são escritos, em que há uma dicotomia muito grande entre uma educação materialista – chamada ateia – e de uma vertente espiritualista – ou, neste caso, católica. Mas em nossos dias a afirmação da educação integral nos proporciona outro olhar: o da tolerância amorosa em que a religiosidade é parte da sociedade assim como a não religião, ou bem, o agnosticismo.

Por este motivo mesmo que nossos dias sejam marcados não propriamente pela ausência da religiosidade – entendida sob um ponto de vista da pluralidade da religião e a seu papel na vida dos indivíduos - ou de um ateísmo esclarecido, mas antes por uma incompreensão fruto tanto de um sistema baseado no consumo material quanto por uma educação que se fragiliza enquanto instituição plural devido também a incompreensões – basta lembrar-se de debates sobre escolas apartidárias ou opções por não se ensinar o evolucionismo. A educação como tal e a religião

também, devem se complementar por meio de uma tolerância amorosa, de promoção, respeito e alteridade.

Ignorar o aspecto tanto necessário de que a educação ofereça a possibilidade de se elucidar a religião e religiosidade presentes na sociedade, é tanto um erro para a formação dos estudantes quanto um problema em um aspecto reducionista que ignora o aspecto religioso na sociedade. Como diz Slavoj Žižek, ao referenciar Trotsky, lembrava que

quando disse que o homem não vive apenas de política, fazendo uma clara alusão à história da tentação de Jesus no Evangelho de Mateus, visto que o homem não vive apenas de pão, mas também de cada palavra pronunciada pela boca de Deus. (ŽIŽEK, 2015. P. 12)

A menção ao sujeito como ser integral é parte inerente do sujeito na sociedade. Não se trata de assumirmos como regra, ou mesmo objetivo, o ensino de “uma” religião – evidentemente, o próprio Trotsky era Ateu – mas admitirmos o papel fundamental também da religião na sociedade. A educação favorece o sujeito pensante na medida em que estuda com seriedade o fenômeno religioso – e inter-religioso.

E a religião ou o ateísmo também tem a ganhar com este estudo que não é um estudo do tipo realizado nas diversas religiões – como a catequese, a escola dominical, os grupos familiares e outros. E isto ocorre principalmente por três razões.

Em primeiro lugar decorre pelo reconhecimento do próximo por meio da já mencionada tolerância amorosa. Ou seja, através do estudo da religiosidade os sujeitos podem não apenas verificar a diversidade e a tolerar – e claro, evitar o confronto que em nossos dias também é marcado pela intolerância – mas tratar dos sujeitos de maneira a tolerar a diversidade e ajudar na manutenção pacífica desta pluralidade garantindo direitos e compreendendo a diferença. Mais ainda, auxiliar o próximo independente de seu credo. Em outras palavras, é o estudo da religiosidade em sua pluralidade através de uma tolerância amorosa que irá formar sujeitos críticos e que compreendem a alteridade religiosa e cultural.

Em segundo lugar as religiões irão ter melhor reconhecimento de si mesmas. Em nossa época em que a informação é abundante, mas sua crítica é rara as manifestações religiosas são tão diversas que por vezes causam confusão: tendem a mostrar a religião como “igual”. Em outras palavras, a religiosidade quando não estudada tende a cair em um senso comum que acredita que as religiões são iguais – ou pior, inimigas. Nisto consiste, novamente, uma tolerância amorosa. Reconhecer a alteridade como diferente e garantir uma convivência que vá além de aparências e preconceitos.

E em terceiro lugar, sempre ligado às duas primeiras assertivas, trata-se de uma convivência sob um ponto de vista crítico promovido pela educação. A educação promove, através do estudo da religiosidade – e novamente, não se trata necessariamente de um “ensino religioso”, mas de reconhecer a necessidade de estudar a religiosidade – uma tolerância amorosa que reconhece o diferente e convive

e ajuda ao próximo, não só o tolera. Isto cria identidade para as religiões e para o sujeito, não os relativiza. Como acertadamente menciona Zizek:

Devemos entender essa tensão para toda a identidade dialética de opostos: a condição de impossibilidade, a asserção da identidade é baseada em seu oposto, num resíduo indestrutível que trunca toda identidade. (ZIZEK, 2012. P. 255)

Isto significa, para a educação, que estudar a religiosidade e conceber que uma tolerância pura e simples não é suficiente – “tolerar” algo só na medida em que não influência em nada nossa própria identidade. Devemos idear que mesmo na relação de reconhecimento em que no outro repousa um referencial negativo (ou seja, o que minha religião ou crença não é) este reconhecimento é não só da tolerância, mas de uma tolerância amorosa. Em poucas palavras: reconhecer, conviver e auxiliar, uma visão comunitária dos sujeitos.

O que se observa, portanto, é uma necessidade da educação contemplar a religiosidade e a ausência dela, e promover um sujeito crítico que seja religioso ou ateu conforme sua escolha, mas também saiba observar a diferença – mais ainda, a compreender.

É problemático, portanto, se a educação não verificar necessidade de se estudar a religiosidade. E isto não é apenas pelos ganhos acima citados para ambos os aspectos, a religião e a educação. Ignorar o fato de que o papel da religiosidade e o ateísmo têm na sociedade não só elimina os benefícios para a educação e a religiosidade senão que elimina uma tolerância amorosa e dá espaço para seitas fundamentalistas e intolerância.

E SE A EDUCAÇÃO IGNORAR A RELIGIOSIDADE?-

A sociedade de nossos dias difere-se de sociedades do passado em que a presença da religião era talvez a parte mais importante do tecido social, entretanto, a religiosidade e o ateísmo ainda são parte fundamental da sociedade. Em nosso país de sistema democrático bicameral, a religião é presente diretamente dentro do Estado quanto fora dele – e isto sem emitir juízos de valor. O fato é que, dentro das democracias a eleição de pessoas ligadas a religiões é cada vez maior, e as opiniões destes representantes são evidenciadas.

Por outro lado, mesmo “fora” muitas pastorais, organizações religiosas, comunidades de base e instituições filantrópicas religiosas exercem um papel fundamental – muitas vezes substituído os “vazios do Estado”. E claro, por meio desta ajuda é inegável sua influencia direta ou indiretamente na vida dos sujeitos, pessoas estas que posteriormente irão opinar e exercer a cidadania.

E neste sentido, a educação tem outro papel que deve unir uma tolerância amorosa, de convívio e de autoajuda e respeito, com outro aspecto: tornar os sujeitos autônomos e críticos.

Quando falamos em tolerância amorosa há a necessidade de conhecer a

religiosidade e seu papel, mas também de conviver e estipular uma ajuda mútua, um debate franco e saudável para evitar confusões e até mesmo o medo. Temer que determinada crença, por se diferente, ou mesmo contraditória daquela que possuo significa que qualquer relação já é comprometida. O respeito mútuo, tão precioso para uma educação integral e contemplativa, não combina com o medo. E mais ainda, através do diálogo e da tolerância amorosa é que não só evitamos o medo, mas podemos debater com franqueza casos que por vezes são ignorados ou que causam estranheza como o uso de certas vestimentas – como, por exemplo, a burca – ou procedimentos físicos. Zizek já alertava para a necessidade de debater francamente estes aspectos, evitando tanto o medo quanto à aversão. Ele menciona ao lembrar que

até do multiculturalismo liberal contemporâneo como de uma experiência do Outro, mas privado da sua Alteridade (um Outro idealizado, que pratica danças fascinantes e que, no domínio da ecologia, tem uma abordagem holista da realidade, desde que nunca sejam levantadas certas questões, como as violências perpetradas contra as mulheres). (ZIZEK, 2006. P. 121)

Ou seja, o multiculturalismo que se baseia apenas em tolerar tende a evitar, seja por medo de ferir o próprio multiculturalismo ou por considerar que isto não é importante para ser debatido e estudado, e gerar potencial para o surgimento do medo. Se um sujeito que é fruto de uma educação que ignora a religiosidade, ou que teve contato apenas com uma religião por meio da família, por exemplo, (ou que é ateu) observa práticas que considera impensável e não as entende, há espaço para o surgimento do medo. A religiosidade é importante para a sociedade, seja na ausência de qualquer religião como o ateísmo, ou nas diversas religiões existentes. E tratar o outro não somente como “tolerável”, mas tolerar amorosamente admite que, através da educação, o medo do diferente seja substituído pelo diálogo e por um respeito integrativo.

E claro, uma educação que aborde a religiosidade evita um aspecto muito importante: o desrespeito a outras religiões. Não é novidade, infelizmente, ataques a locais utilizados por determinadas religiões, o ataque a imagens, a perseguição a minorias religiosas etc. Estes ataques podem ser motivados por medo e até simplesmente por intolerância. E este é de fato mais um argumento para que a educação se concentre na religiosidade, e não em uma única religião: ela irá fortalecer a compreensão tanto de si em relação ao próximo, quanto ao que é, efetivamente, este próximo e sua religião.

Para alguns - para utilizar como exemplo - fazer desenhos humorísticos com Jesus Cristo pode ser banal, entretanto, até onde isto não é ofensivo? Como entender que este tipo de fato é ofensivo para alguns? E mesmo quem sente o aspecto ofensivo, como entender a alteridade de quem não acha ofensivo? De outro modo: como, sem a educação podemos ter tolerância amorosa e não ingênua? Sem educação que leve em conta a religiosidade, ofensas que por vezes não são exatamente motivadas

por uma decisão consciente de ser agressivo tendem a se disseminar, por puro desconhecimento. O conflito pode e deve ser evitado e a responsabilidade da educação é fundamental para uma sociedade realmente democrática e que promova o respeito mútuo, respeito às minorias, e ajuda mútua.

EDUCAÇÃO, RELIGIOSIDADE E TOLERÂNCIA AMOROSA AS CARACTERÍSTICAS FUNDAMENTAIS

Uma linha de raciocínio para fundamentar que a educação tem a responsabilidade de estudar a religiosidade – e nisto inclui-se a diversidade da religião ou a ausência dela, o ateísmo, foi desenvolvida. Isto significou abordar um conceito inovador fornecido por aproximações entre temas que já eram importantes para muitas religiões com a observação de um filósofo ateu e importante na cena política que fornece uma visão que vai além da simples tolerância. Zizek aponta para o conceito de amor advindo da cristandade, e analisa a simples tolerância que coisifica o próximo típico de nossa época neoliberal e globalizada. Isto significa não uma tolerância que não envolve as diferenças, mas antes uma tolerância amorosa que une e se propõe tanto a educar indivíduos autônomos quanto a exaltar a ajuda mútua – pensemos nos imigrantes no mundo de hoje.

Mas mesmo que o conceito de tolerância religiosa seja caro, também pensamos no oposto: é mesmo necessário a educação abordar a religiosidade por meio desta tolerância amorosa? E ao analisar exatamente um sistema de ensino que simplesmente se isente de estudar a religiosidade, conforme visto, há perigo tanto para os sujeitos que podem ser manipulados por seitas e charlatães, quanto para uma democracia que pode ser cada vez mais manipulada.

Mas a pergunta então é: como a educação deve abordar a religiosidade e o ateísmo? A resposta pode ser multifacetada e o debate ainda é grande: desde uma disciplina de ensino religioso, até transversalidade do estudo nas diversas disciplinas ou mesmo a liberação deste estudo para que ele seja realizado privadamente. Em todo caso, em nossos dias este debate caloroso não parece estar perto do fim. Portanto, antes de uma resolução (talvez não única) a educação pode utilizar-se de um fundamento sólido advindo da filosofia para que este debate perpassasse convicções meramente pessoais: propor que a abordagem deva ser fundamentada em uma tolerância amorosa. Uma tolerância que não só veja no outro o diferente na medida em que ele não conflite em nada na realidade do sujeito, mas que antes seja tolerado e ocorram manifestações de um amor. Amor este, estudado pelo filósofo ateu Zizek e que tem fundamento cristão: não um romantismo, mas a visão de uma comunidade humana, de auxílio mútuo, de compreensão seja das minorias ou das minorias em detrimento das majorias.

O grau de importância deste comprometimento da educação em não ser apenas

um ensino de dada religião e também ignorar a diversidade religiosa é ainda maior em nossos dias. E fica evidente quando pensamos no contexto da Europa. Além de propostas de leitura mais conservadoras como a de Samuel Huntington em que uma visão de um verdadeiro choque entre culturas – ou nos termos dele, civilizações – e que há um grau de confronto, podemos salientar uma leitura do autor aqui citado, Slavoj Zizek. Para Zizek é um engano tratarmos a crescente migração de povos vitimados em seus países por conflitos ou pela miséria como um perigo à cultura e religião ocidentais. E os que dão ênfase tão grande a conflitos ocorridos entre conservadores – em geral cristãos – e outras religiões – em geral muçulmanos – é porque ignora tanto conhecer a alteridade religiosa quanto o fato de que nos países de terceiro mundo a violência é diária dentro de uma desigualdade social imensa e não ocorre só em certos “casos” ou “momentos” (deixando claro, obviamente, que nem por isto estes conflitos religiosos sejam errados e reprováveis). O que significa que este desconhecimento leva a ficar atônitos ante a estes conflitos porque retiram da normalidade os países desenvolvidos. Em outras palavras, conhecer e respeitar e também estimular a luta conjunta por melhores condições de vida, não admitir um choque puro e simples.

CONCLUSÃO

A sociedade altamente consumista de nossos dias tende a relegar, por muitas vezes, a religiosidade como algo privado e que, portanto, não deve ser debatida. De fato a vivência religiosa e até mesmo o ateísmo tende a ser ignorados por grande parte da população que prefere não se aprofundar nestes conhecimentos. Entretanto, ignorar o papel fundamental da religiosidade – e do ateísmo – na sociedade é não só um erro como também é perigoso. Isto ocorre tanto no interior das nações em que seitas podem se proliferar e manipular os sujeitos e também a própria democracia do país, quanto na grande migração de povos que ocorre pelos mais diversos motivos. E isto sem mencionar, é claro, a utilização da religião para justificar atos desumanos e gerar ainda mais violência.

Se por um lado a globalização nos evidencia como nunca antes a diversidade da religião, por outro a mera proposta de “tolerar” pura e simplesmente esta diferença não é suficiente. A proposta de “tolerância amorosa” do filósofo ateu Slavoj Zizek, que retoma valores intrínsecos ao cristianismo é o mais apropriado para que a educação realmente estude, compreenda e desenvolva a alteridade entre os sujeitos e as religiões e não pregue, opte ou direcione para uma religião específica. Como lembra Alberto da Silva Moreira ao analisar Adorno o fenômeno da religiosidade se dá também através do outro, da transcendência, e isto não significa que as religiões sejam confundidas entre si, mas pelo contrário, é na diferenciação elucidada que uma religião específica evitar para seus seguidores confusões que pode descaracteriza-las.

A educação não deve se ausentar, portanto, de estudar a religiosidade ou a

ausência dela. Por outro lado não deve apenas apontar par uma tolerância que só tolera na medida em que está “lá” e não influencie nossas vidas. Mas pelo contrário, é através de uma tolerância amorosa que todos nós, como comunidade humana poderemos nos auxiliar, nos reconhecermos e nos respeitarmos. E somente através da educação, crítica e autônoma é que poderemos desenvolver tal objetivo.

REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo. **Experimentar Deus: a transparência de todas as coisas**. Petrópolis, Vozes, 2011.

CIMATTI, Vicente. **Dom Bosco Educador: Contribuição para a história do pensamento e das instituições pedagógicas**. Tradução: Luiz Marciagaglia. São Paulo: Escolas profissionais Salesianas, 1939.

Exortação Apostólica Gudeete Et Exsultate do Santo Padre Franciso: Sobre o chamado à santidade no mundo atual. São Paulo. Ed.Paulus, 2018.

HUNTINGTON, Samuel P. **O Choque de Civilizações: e a recomposição da ordem Mundial**. Rio de janeiro: Objetiva, 1997.

MOREIRA, Alberto da Silva (ORG). **Adorno – educação e religião**. Goiânia: Ed. Da UCG, 2008.

PÉREZ ESCLARÍN, Antonio. **Educar valores e o valor de educar**. Tradução Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Paulus, 2002.

ZILLES, Urbano. KONINGS, J. **Religião e Cristianismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997. 7ed.

ZIZEK, Slavoj. **A Europa à Deriva: a verdade sobre a crise de refugiados e o terrorismo**. Tradução: Jorge Pereirinha Pires, Ed: Objetiva, Lisboa: 2016.

_____. **A Marioneta e o Anão: O Cristianismo entre Perversão e Subversão** Tradução de Carlos Correia Monteiro de Oliveira, Relógio D'Água Editores, Lisboa: 2006.

_____. MARKUS, G. **Mitologia, loucura e riso**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

_____. **O absoluto frágil, ou porque vale a pena lutar pelo legado cristão?**; tradução Rogério Bettoni. São Paulo, Boitempo: 2015.

_____. **O Sofrimento de Deus: inversões do Apocalipse**. Tradução Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-480-1

